

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
IMPRESSÕES DO CINEMA ESPANHOL EM DEMOCRACIA  
15 de novembro de 2024

## 80 EGUNEAN / 2010

um filme de Jon Garaño e Jose Mari Goenaga

**Realização:** Jon Garaño e Jose Mari Goenaga / **Argumento:** Jon Garaño e Jose Mari Goenaga / **Direção de fotografia:** Javier Agirre / Edição: Raúl López / **Direção de Arte:** Meno Martín, Mikel Serrano / **Cenografia:** Julius Lázaro / **Música:** Pascal Gaigne / **Som:** imanol Alberdi / **Interpretação:** Itziar Aizpuru, Mariasun Pagoaga, José Ramón Argoitia, Zorion Eguileor, Ane Gabarain, Patricia López Arnaiz, Tanya de la Cruz, Pedro Arnaez Oñatibia.

**Produção:** Irusion, Moriarti Produkzioak / **Produtor executivo:** Asier Acha, Fernando Larrondo / **Produtor:** Xabier Berzosa, Ináki Gómez / **Cópia:** 35mm, cor, legendado em espanhol com legendagem eletrónica em português / **Duração:** 104 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

---

**com a presença de Alberto Berzosa**

---

Talvez **80 Egunean** não seja – como seria de esperar pela descrição - apenas um filme que aborde a estigmatização de um relacionamento homossexual numa idade avançada - até porque este não se chega a “efectivar” –, mas utiliza o mesmo como pretexto para uma luta que é sobretudo é feminista.

Axun é uma mulher na casa dos 70, residente de uma zona rural do País Basco, que nunca teve a possibilidade, ou a coragem, de viver a sua sexualidade – ou vida em geral - em todo o seu potencial. Escolheu o caminho que lhe era esperado, e entregou-se a esse mesmo: Casou, teve uma filha, criou-a, casou-a, viu-a divorciar-se e por fim, emigrar. Agora está sozinha, aborrecida, numa relação já nas bodas de ouro, que, como tantas relações nesta idade, se mantêm apenas pela presença de algo que se situa entre o hábito e a co-dependência. Começam, no entanto, desde o início do filme, a notar-se sinais de quebra ou desequilíbrio desta última. A dependência de Juan Mari (o marido), é física e utilitária, simbolizada pela incapacidade deste de abrir frascos sem a ajuda de Axun – óbvia metáfora da inversão de papéis de género utilizada descarada ao longo do filme -, enquanto a dependência da esposa é quase exclusivamente emocional, ou, no limite, ético-moral, sendo passível de desconstrução, ao contrário da primeira.

“Feita a cama” para os acontecimentos subsequentes, o catalisador da mudança será curiosamente Mikel, ex-marido da filha emigrada, ou mais precisamente o acidente do mesmo, que o deixa num coma. Num ato de empatia, provavelmente por reconhecer nesta uma situação familiar – pois este também não tem ninguém que se interesse pelo seu bem-estar -, Axun decide passar a visitá-lo diariamente.

Aqui se inicia o movimento de anulação do prefixo "co" da palavra "dependência" do lado de Axun – pelo menos no que diz respeito ao que resta do carácter utilitário - sendo o primeiro símbolo desta ação o ato de se deslocar por conta própria depois de o marido se recusar a levá-la ao hospital. É neste lugar que se dá um reencontro com um amor adolescente. Maite, uma mulher de idade próxima, mas de aparência mais jovem - mais extrovertida, sorridente, liberta e divertida - que cuida, na cama ao lado da de Mikel, do seu irmão também em coma, rapidamente reconhece Axun. As duas amigas de juventude, que não se viam há mais de 50 anos, reencontram-se aqui nesta situação inusitada. Substituindo a proibição legislativa pela repressão social esta história de amor platónico na juventude tem algo de **Maurice**, de James Ivory.

Maite terá o papel ativo e previsível na desconstrução não apenas da sexualidade, mas no papel de género por ela desempenhado, que começa a questionar o seu valor aos olhos do marido como nada mais que dona de casa. Rapidamente Mikel deixa de ser o motivo das visitas diárias de Axun ao hospital, devido, claro, à paixão crescente por Maite, mas, mais importante, por ela mesma: "Gosto de quem sou quando estou contigo" como a própria diz. No entanto há coisas que não mudam, estão demasiado entranhadas no subconsciente, validando a afirmação proferida ao longo do filme de que é um mito que o tempo construa sábios. A personagem continua a cometer os mesmos erros de sempre. Axun não consegue gerir o que sente e acaba por recuar na cena crucial em que hesita em entrar na sala de espetáculos onde Maite participa num concerto de piano que provoca uma teia de mal-entendidos.

No final, o marido implora o seu regresso – quando percebe que não tem ninguém para lhe abrir frascos -, e diz precisar dela porque sente que o seu tempo está a chegar ao fim, e Axun cede.

É curioso observar como em filmes como **Amour**, de Michael Haneke, ou o mais recente **Vortex**, de Gaspar Noé, retratam a violência do declínio da mulher provocado pelo envelhecimento no contexto de um casal, e o igualmente violento impacto disso sobre o parceiro masculino, que se vê confrontado com o peso desse fardo. No entanto quando a situação se inverte, em **80 Eguean** assim como na sociedade em geral, aceitamos com naturalidade que a mulher assuma o papel de cuidadora, como se fosse um dever inquestionável, natural, mesmo quando a relação sempre foi marcada por dinâmicas opressoras. Essas dinâmicas, embora frequentemente não intencionais, estão profundamente enraizadas na cultura e permanecem – ainda – presentes.

Tal como em Júlio Verne, também Axun dá uma volta ao (seu) mundo nestes 80 dias, acabando no mesmo lugar. Talvez o fim de Juan Mari – enquanto símbolo patriarcal - traga um novo desfecho.

Tiago Leonardo